

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Dolho de Boa Vista Class.: 74

Data: 18/04/86 Pg.: _____

Questão indígena: a guerra em nome da paz

Etnia no Brasil sempre foi uma questão muito complexa. Ao contrário dos países europeus e africanos, o nosso país não se caracteriza pela predominância de uma mesma raça em todos os recantos do seu território. Assim, a depender da região, temos a predominância do negro ou do branco e, em algumas comunidades menores, do caboclo. O branco, de origem européia, tradicionalmente exerceu uma posição de domínio sobre os outros povos. E com isso, a cultura predominante no mundo de hoje é branca e preconceituosa. Desta forma, é difícil se ouvir hoje alguma referência a negros e caboclos, por exemplo, que tenham conseguido degraus sociais mais elevados, sem que haja comparação com o branco.

O indígena foi o povo dominado no Brasil. O negro, mais que o nativo, o povo discriminado e escravizado. Nessa história de dominantes e dominados, que remonta à vida da sociedade brasileira, são raros os casos de ascensão dos povos dominados. Ainda hoje, tentam, com o preconceito, apesar das leis que consideram crime a discriminação, superar a capacidade de pessoas que são geradas da mesma forma que todo mundo e que têm o mesmo direito à vida.

Em Roraima, tem sido inevitável o preconceito com o índio. Não é só aqui que isso acontece. O sulista costuma chamar o nativo da região de "bugre", de forma pejorativa. O índio é tido como indolente, incapacitado e uma série de outros "in". Difícilmente ele é olhado como povo normal, capaz de realizar o mesmo que realiza qualquer outro povo.

O branco, principalmente, com o seu característico espírito dominador, procura subestimar a capacidade do indígena e, a qualquer preço, quer que ele adote os seus costumes, trabalhado no mesmo tipo de atividade em que trabalha. A princípio, parece impossível se obter isso. Existe uma questão cultural envolvendo todo o assunto e merece, antes de qualquer outra coisa, compreensão. Não se muda todo um costume passado de geração a geração de uma hora para outra. Por outro lado, seria, mais uma vez, impor os costumes brancos à solução para a convivência pacífica entre os nossos povos? Terminantemente, não! A questão é muito mais profunda.

Num país onde a defesa dos interesses imperialistas dos grandes trustes internacionais passou a ser uma bandeira natural de quem esteve no Poder durante 21 anos, todo tipo de atividade em que aja participação de estrangeiros é logo

absorvida pelas forças progressistas, preocupadas com o fortalecimento de uma estrutura econômica nacional. Assim, com referência à política de discriminação do silvícola e à política de proteção deste povo, sempre se falou no envolvimento dos grupos estrangeiros preocupados em continuar por muito mais tempo controlando a economia de suas colônias imperiais.

É natural, portanto, em Roraima, que o problema indígena desperte a atenção de vários segmentos da nossa sociedade e de estrangeiros interessados em desenvolver algum tipo de atividade entre estes povos. Hoje, este quadro pode ser caracterizado da seguinte maneira: de um lado, a Igreja e a preocupação evangelizadora de tornar o índio cristão e orientá-lo quanto à defesa de seus interesses; de outro, os missionários, dos quais se sabe muito pouco, e os grupos ligados à Funai, defendendo a ocupação de uma área expressiva de terras pelos nativos; por último, políticos e a grande parcela da população local, defendendo a exploração das riquezas minerais aqui existentes, independente de onde se localizem, e uma política racional de respeito ao nativo, onde se inclui o afastamento de todos os que vêm trabalhando com os índios das áreas por eles ocupadas.

Em outras palavras, ninguém quer o mal para o índio, há acusações mútuas entre as partes envolvidas no problema, e o mais sensato seria deixar que os índios e a Funai resolvessem seus problemas junto aos que querem explorar as áreas em questão. Caso contrário, teremos ainda por muito tempo a Igreja desrespeitando a cultura indígena, com a conversão desse povo ao cristianismo; os estrangeiros com os seus trabalhos, cujos interesses são questionados; e os políticos reclamando da intromissão de alheios. Não se pode querer paz fazendo guerra.

Esta semana, a questão parece ter merecido mais crédito pelos políticos de Brasília. Um grupo de parlamentares chegou a pedir ao Ministério do Interior a criação de um grupo de trabalho para verificar a situação dos índios macuxi e wapixana de Roraima. Por outro lado, também parece que o Congresso Nacional é constituído por uma boa parcela de parlamentares que não escutam bem os pronunciamentos feitos pelos políticos roraimenses, pois tramita ali um projeto do deputado Mozarildo Cavalcanti (PFL/RR) muito mais abrangente, e que certamente não foi levado em conta, em face da pouca dimensão da proposta feita pelo grupo de parlamentares.